

CRONISTAS POTIGUARES: UM OLHAR SUBJETIVO SOBRE A CIDADE DE NATAL¹

Lívia Maíra Barbosa Felipe (UFRN)²
livia_felipe@hotmail.com

Maria Aparecida de Almeida Rego (UFRN)³
cidinhalettras_ufrn@yahoo.com.br

Sylvia Coutinho Abbott Galvão (UFRN)⁴
sylviabbott@cchla.ufrn.br

*O gênero sempre é e não é ao mesmo tempo,
sempre é novo e velho ao mesmo tempo.*

Mikhail Bakhtin

Introdução

A admiração pela cidade natal ou por aquela na qual se vive há um longo tempo e que, portanto, aprendeu a amar como se fosse a de sua origem é uma marca de algumas pessoas mais sensíveis aos encantos da cidade. Esses lugares que contam com admiradores, por vezes, são presenteados com poemas, músicas, crônicas, peças teatrais que exaltam suas belezas naturais, sua gente, a dinâmica do seu cotidiano e tantos outros aspectos.

A cidade do Natal é uma dessas felizardas por ter seus atributos ressaltados de diferentes formas. Uma dessas formas é a crônica, que, por ser um gênero multiforme, desempenha um importante papel na construção da memória coletiva (LE GOFF, 1994) de uma determinada sociedade, bem como serve de instrumento para registro histórico. Neste artigo, deter-nos-emos nas crônicas de dois autores norte-rio-grandenses que apresentam um olhar subjetivo a respeito de alguns aspectos da cidade. Sendo assim, o *corpus* deste trabalho é um recorte de quatro crônicas: duas de Danilo, publicadas no jornal *A Republica*, na década de 1930, e duas de Nei Leandro de Castro, publicadas no jornal *Tribuna do Norte*, nos anos iniciais do século XXI.

Embora publicadas em períodos distintos e escritas por autores diferentes, as temáticas são as mesmas: memória da cidade e tradição de seus habitantes. Nesse sentido, o nosso objetivo é, a partir da análise comparativa do *corpus*, traçar semelhanças entre os textos sob a perspectiva do tema e observar a subjetividade como marca da presença do sujeito cronista.

A crônica é um gênero discursivo no qual, a partir da observação e do relato de fatos cotidianos, o autor pode manifestar sua perspectiva subjetiva, oferecendo uma interpretação que revela ao leitor algo que está por trás das aparências ou não é percebido pelo senso comum. Assim sendo, é finalidade da crônica revelar as fendas do real, aquilo que parece invisível à maioria das pessoas, ajudando-as a interpretar o que se passa.

O *corpus* em análise é constituído por quatro crônicas, relacionadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Relação das crônicas

¹ Este artigo foi produzido a partir de pesquisas realizadas na disciplina **Texto acadêmico: pressupostos teórico-metodológicos**, ministrada pela professora Sylvia Coutinho Abbott Galvão, durante o curso de *Especialização em leitura e produção de textos*, promovido/oferecido pelo Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no período 2010/2011.

² Especialista em *Leitura e produção de textos* pela UFRN.

³ Especialista em *Leitura e produção de textos* pela UFRN.

⁴ Professora Adjunta do Departamento de Letras da UFRN.

Codificação	Autor	CORPUS
C1	Danilo	Avenida. A República, 30 mar. 1930, p. 6.
C2	Danilo	O São João que se foi. A República, 24 jun. 1936, p. 8.
C3	Nei Leandro de Castro	Os apelidos da infância. Tribuna do Norte, Natal, 24 out. 2004.
C4	Nei Leandro de Castro	Uma viagem no tempo. Tribuna do Norte, Natal, 6 jan. 2006, p. 2.

Na primeira crônica (doravante **C1**), *Avenida*, narrada em terceira pessoa, Danilo apresenta a modernização social de uma das avenidas mais movimentadas da cidade de Natal no início da década de 1930. A segunda crônica (doravante **C2**), *O São João que se foi*, do mesmo cronista, narrada em primeira pessoa, trata das lembranças nostálgicas das festas juninas, ao mesmo tempo que apresenta uma comparação com os festejos de então.

Na terceira crônica (doravante **C3**), *Os apelidos da infância*, narrada em terceira pessoa, Nei Leandro apresenta aos leitores, a partir de uma sequência descritiva entremeada de diálogos, uma série de apelidos que fizeram parte de seu tempo de menino. Por fim, também de Nei Leandro, a última crônica (doravante **C4**), *Uma viagem no tempo*, narrada em terceira e primeira pessoas, descreve limitações geográficas e hábitos presentes em Natal, cidade de sua infância.

1 Pressupostos teóricos

Com o objetivo de estabelecer parâmetros teóricos que amparem a análise do *corpus*, é necessário tecermos algumas considerações sobre as concepções de gêneros discursivos e do gênero *crônica*, em especial, nas quais fundamentamos nossa análise. Assim, recorreremos à concepção bakhtiniana de gêneros discursivos e de linguagem como construção sócio-histórica do sujeito em interação, bem como aproximaremos as concepções de Antonio Candido (1992), Massaud Moisés (2004) e Jorge de Sá (2002) a respeito do gênero *crônica*.

1.1 Gêneros discursivos

Bakhtin (2003, p. 261-262) enfatiza que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados”, os quais são realizados, o tempo todo, nos diversos campos da atividade humana, ressaltando-se o fato de que cada campo vai produzir seus “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que se configurarão como os gêneros do discurso. Ainda, segundo o teórico, todas as atividades humanas estão atreladas à utilização da linguagem, sendo estas multiformes e totalmente variáveis aos campos de atuação, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua.

Posto isso, devemos colocar em evidência a grandiosa heterogeneidade presente nos gêneros do discurso (sejam eles orais ou escritos), nos quais estão incluídos desde os rápidos

diálogos do cotidiano até o romance com inúmeras páginas. Aparentemente, essa imensa heterogeneidade impossibilita um único plano de estudo para si, já que esse plano apresentasse com fracas marcas de heterogeneidade. Interessa-nos o fato de que, para Bakhtin (2003), esses enunciados são refletores e refratores das condições específicas e das finalidades de cada campo, principalmente, no que concerne à sua *construção composicional*, ao seu *conteúdo* e aos *estilos de linguagem*, ou seja, às escolhas dos recursos lexicais, dos recursos fraseológicos e gramaticais.

Nessa perspectiva, entendemos a crônica como um gênero discursivo secundário, pertencente à esfera literária, que surge em uma relação de convívio cultural. Em seu processo de formação, os gêneros secundários utilizam e reelaboram uma diversidade de gêneros primários, podendo, por exemplo, apropriar-se da conversa corriqueira, do bate-papo ou do bilhete para integrarem a sua composição. Nesse sentido, os gêneros primários que vão compor os secundários (complexos) transformam-se, ganhando, assim, um caráter específico, pois “perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios” (BAKHTIN, 2003, p. 263).

1.2 A crônica

Derivado do grego *chronikós* (relativo ao tempo) e do latim *chronica*, o vocábulo *crônica* significava o relato de acontecimentos cotidianos em uma ordem pré-determinada. Moisés (2004), ao definir o termo, faz um destaque especial à evolução de sentido do vocábulo com o passar do tempo. Inicialmente fazia referência a uma lista de fatos cronologicamente organizados e não era de interesse do autor interpretar os fatos ou opinar sobre eles. Hoje em dia, o gênero *crônica* apresenta uma fluidez muito maior, e suas diferentes formas de apresentação confirmam sua natureza multiforme.

Primordialmente, era um texto escrito para ser publicado em jornal ou revista, detendo, conseqüentemente, vida curta. Por isso, na maioria dos casos, esse gênero é formado por textos curtos e narrados em primeira pessoa, propiciando um diálogo entre o escritor e o leitor. Tal compleição faz com que a crônica exponha uma visão totalmente pessoal de um referido assunto absorvido na visão do cronista. Mesmo advindas do jornal, não se pode retirar das crônicas suas características como literatura, o que as levou, algumas vezes, a ocupar o espaço anteriormente ocupado pelo folhetim.

Em Candido (1992) também encontramos referências à etimologia da palavra – do grego *chrónos* (tempo) / crônica –, ele ressalta que, mesmo com as evoluções sofridas pelo gênero ao longo do tempo – quer elas sejam formais ou de conteúdo –, a crônica resguarda um estreito laço com o tempo vivido em uma relação que mescla ficção e história. É importante ressaltar a existência de uma certa cumplicidade entre autor e leitor, visto que o sucesso do texto está no fato de que, em grande parte dos casos, ambos vivenciaram o fato que deu origem à crônica. Ainda segundo o crítico, destaca-se a condição de comentário leve, apresentando-a como sendo uma composição aparentemente solta e com um “ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de cada dia” (CANDIDO, 1992, p. 13).

Sá (2002, p. 7) explica que a crônica equivale a um “registro circunstancial feito por um *narrador-repórter* que relata um fato [...] a muitos leitores que formam um público determinado”. Apontando o cotidiano como assunto único do gênero, a crônica sobrevive entre o jornalismo e a literatura, o que lhe permite um expressivo desenvolvimento textual. Por outro lado, esse mesmo estudioso comenta que tal soma leva, muitas vezes, a um limite de espaço do veículo de publicação obrigando o autor a explorar, de maneira mais econômica, o pequeno espaço que dispõe o jornal, e “é dessa economia que nasce sua riqueza estrutural” (SÁ, 2002, p. 8).

Devido à complexidade e ao hibridismo do gênero, aos seus limites imprecisos e à diversidade existente em seu desenvolvimento, a sua aproximação com o jornalismo ou com a literatura dependerá apenas da capacidade de seu escritor.

Vários autores, na busca por compreender a crônica como estilo literário, consideram como suas características os seguintes aspectos: ligação com a vida cotidiana, narrativa informal, familiar e intimista; uso da oralidade na escrita; sensibilidade no contato com a realidade; uso de fatos como meio ou pretexto para o autor exercer seu estilo e criatividade; natureza ensaística; leveza; uso do humor e brevidade. Além disso, apresenta-se como um fato moderno e está sujeita à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna.

No gênero, o cronista discorre sobre qualquer assunto; age de maneira solta, dando a impressão de que pretende apenas ficar na superfície de seus comentários. A crônica, no entanto, não é um relato frio do evento: o autor faz questão de deixar claro que o modo como apresenta o evento é bem particular, bem subjetivo; pode ter um toque leviano, humorístico, pitoresco, lírico ou poético, conforme as circunstâncias (SÁ, 2002). O cronista utiliza-se da magicidade para atingir e obter a aceitação do leitor, a partir da observação crítica do real e, por meio desse universo imaginário, permite suporte aos constrangimentos e opressões sociais.

2 De A República à Tribuna do Norte: de Danilo a Nei Leandro

Espaço acolhedor de variadas tendências literárias e culturais, das mais tradicionais e conservadoras até a divulgação de movimentos de vanguarda, as páginas do jornal *A República* guardam nomes dos principais autores da política e da literatura do Rio Grande do Norte entre o final do século XIX até os anos 80 do século XX. Fundado por Pedro Velho em 1889, “nasceu com uma intencionalidade política; embora, posteriormente, tenha servido bastante à divulgação de nossa literatura” (FERNANDES, 2006 p. 149). No decorrer do tempo, diversas seções literárias surgiram para publicações de poesias, crônicas, folhetins.

A junção de políticos e jovens intelectuais talvez tenha sido o fator propício à popularização do jornal e o espaço que este dedicou à produção literária do estado. Para isso, teve, entre os diretores e redatores que ganharam destaque, os intelectuais Eloi de Souza, Aderbal de França e Luis da Câmara Cascudo, que, além de estarem envolvidos com as questões administrativas do jornal, publicaram diversos artigos literários.

Em 1928, Aderbal de França torna-se redator do jornal, além de iniciar a seção *Vida Social*, assinada sob o pseudônimo de Danilo, vindo a inaugurar o colonismo social norte-rio-grandense. A seção, também chamada, durante alguns anos, de *Sociaes*, estava presente em todas as edições do jornal. Era iniciada por uma crônica, assinada, na maioria das vezes, por Danilo, e, logo em seguida, em algumas edições, passou a apresentar poemas de variados colaboradores. Ainda nessa seção, estavam presentes os seguintes destaques: aniversariantes, viajantes, hóspedes, visitas, noivados, casamentos, núpcias, batizados, enfermos, falecimentos, dentre outros acontecimentos que poderiam variar de uma edição a outra.

Importam-nos, nesta pesquisa, as crônicas, sempre acompanhadas de títulos, que, às vezes, de maneira direta, às vezes, de maneira indireta, versavam sobre os assuntos tratados, os mais variados, tais como: rotinas escolares, ensino, religiosidade, festas tradicionais da cidade, atividades culturais e artísticas do teatro Carlos Gomes, rotina da cidade, presença de elementos da modernidade (bonde, automóveis, lojas, vitrines, música, cinema). É interessante acrescentar que, no mesmo jornal, figuravam artigos assinados com o nome próprio e outros com o pseudônimo dos autores, caracterizando, assim, o uso do pseudônimo uma das marcas presentes nos textos literários publicados em jornais.

Aderbal de França ou Danilo (se pensarmos no autor das crônicas) viveu na Natal da *Belle Époque* e reproduziu um pouco dessa efervescência em seus textos que ora apresentam

um tom de entusiasmo, ora de reflexão, ora de crítica, além das líricas, que são em maior parte.

Já *Tribuna do Norte* surge como um jornal político em 1950, sob a direção de Aluizio Alves. Nasceu com uma ideologia partidária, mas tinha em seus princípios ser um veículo de comunicação destinado a divulgar os acontecimentos do estado “mantendo-se fiel à sua linha de conduta, respeitando o adversário” (MELO, 1987 p. 224)

Apesar de ser um jornal de princípios políticos bem definidos, havia espaço para a divulgação literária norte-rio-grandense, figurando, entre seus colaboradores, Manuel Rodrigues de Melo, Défilo Gurgel, Hélio Galvão e Gumercindo Saraiva, entre outros. No final dos anos 1950, as páginas da *Tribuna do Norte* publicam uma redação escolar de Nei Leandro de Castro, período em que “nasce o escritor”.

Assim, Nei Leandro inicia sua produção literária ainda nos anos de 1960 e sua primeira pena destina-se ao verso. Participa, na década de 1970, do movimento do poema/processo e, “de personalidade marcada pelo exercício constante da ironia” (GURGEL, 2004 p. 101), começa a visitar o terreno da prosa em que se revela um verdadeiro ficcionista.

Quando passa a residir no Rio de Janeiro, torna-se colaborador do jornal *O Pasquim* (jornal irreverente, humorístico e anarquístico que dá uma nova roupagem ao jornalismo brasileiro), ao lado de Ziraldo, Millôr Fernandes e Henfil, dentre outros, e assume o pseudônimo Neil de Castro. No campo da prosa, suas crônicas apresentam uma linguagem que valoriza o coloquial e a espontaneidade.

Com o passar do tempo, o jornal ganha algumas inovações formais e passa a ter um suplemento cultural, estando lá a crônica. É nesse espaço que o escritor Nei Leandro de Castro passa a publicar, semanalmente, crônicas sobre variadas temáticas.

3 Análise

Cronistas são narradores de memórias vividas por eles e por seus leitores. A crônica é “capaz de guardar ‘momentos’, que ficam preservados da ação do tempo bastando lê-la para rememorar o fato ocorrido em algum lugar do passado” (DANTAS, 2003, p. 90). Nessa perspectiva, as crônicas em estudo apresentam uma relação memorialística e nostálgica, dos respectivos autores, com o objeto apresentado – a cidade de Natal.

3.1 As crônicas de Danilo

A C1 (ANEXO A) inicia com um processo de interlocução que perpassa todo o texto; aliada a esse processo temos a personificação da avenida. Juntos, esses feitos agregam um tom de poesia à produção, como podemos perceber no seguinte trecho:

Quem não te quer bem, avenida, quando estás assim com ares de garota, a sorrir para tudo quanto a tarde de todos já se despede?

A temática cotidiana é percebida em vários trechos, como, por exemplo, em: “pelos passeios da avenida um grupo que passa”, “dois minutos no meio-fio esperando os bondes”, “as normalistas descem da última aula” e “as alunas do comércio trazem da escola a derradeira sensação do estudo”. Tudo isso compõe a movimentação da Avenida e descreve aspectos da rotina da cidade de Natal no momento em que o cronista a visualiza. Nessa crônica, porém, a Avenida não é nomeada, e a descrição da cidade não se limita à parte físico-geográfica, embora o autor deixe pistas que permitem ao leitor – conhecedor da cidade do Natal – uma localização espacial por meio de referências aos estabelecimentos próximos à avenida. Há um destaque maior à antropomorfização da avenida, aos acontecimentos e aos

movimentos que o autor a ela atribui, como observamos nas seguintes expressões: “[...] com ares de garota a sorrir [...]”, “[...] minha avenida sapeca [...]”, “[...] avenida garota [...]”. O autor aproveita-se da despreziosidade do gênero *crônica*, utilizando uma linguagem capaz de humanizar o objeto, “e esta lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata a perfeição” (CANDIDO, 1992, p. 13-14).

A maleabilidade do gênero permite ao autor utilizar uma linguagem espontânea, o que possibilita uma aproximação entre autor e objeto: “minha avenida sapeca”; entre a cidade e o objeto: “tem um encanto que faz bem a cidade”; e, de forma generalizada, entre os cidadãos e a avenida: “quem não gosta de ti”.

Procedendo à análise de **C2** (ANEXO B), pode-se dizer que esta revela um tom nostálgico em relação aos ingênuos tempos da juventude do narrador na cidade de Natal, o que é observado no fragmento transcrito abaixo.

Esta noite de São João veio trazer-me uma profunda saudade das outras noites de São João que o tempo levou com a promessa de novas ilusões [...]

O cronista retrata os bons momentos e os sonhos que tivera quando jovem ao lado de sua amada – em especial, durante os festejos juninos. Nesse contexto, descreve o ambiente e os costumes que envolviam essa comemoração, como podemos observar em: “aquela rua iluminada e o fervor das crianças em torno das labaredas da porção de lenha tradicional. Vejo as lanternas entre as janelas das habitações, verdes, amarelas, brancas, vermelhas, azuis, estreladas, em torres, em fachadas, em várias formas”.

Acerca dessas reminiscências, Le Goff (1996, p. 423) trata a memória como uma propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos “a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Apesar de se tratar de um tema cotidiano, vemos claramente a polidez do léxico e um tom poético em expressões como “veio trazer-me uma profunda saudade” e “dai-me um pouco da tua poesia”. Podemos, a partir dessa descrição, recuperar a visão que se tinha da cidade àquela época: uma cidade sem violência; cheia de luzes, cores e alegria.

Nas crônicas de Danilo, percebemos a cidade em uma perspectiva de modernização: na primeira, há uma avenida movimentada que encanta a cidade; na segunda, a cidade se moderniza, e as tradições passam a fazer parte do passado. Essas visões são reafirmadas pelo pensamento de Neves (1992, p. 77) ao dizer que “sem dúvida a riqueza do comentário imediato sobre a vida da cidade, aliado à qualidade literária inquestionável de alguns cronistas, dilui as fronteiras entre prazer e ofício para o historiador que se aventura a explorar essa particular documentação.”

3.2 As crônicas de Nei Leandro

Em continuidade à análise, as crônicas de Nei Leandro apresentam a mesma cidade, porém em outro momento histórico e trazem hábitos rotineiros dos moradores da cidade de Natal, conforme observamos no fragmento de **C3** (ANEXO C) que segue.

O alvo da maldade fazia ouvidos moucos, queria ir embora em paz, evitar uma crise de cólera, o que ocorria todas as vezes que atravessava o círculo daquele inferno. Os tribufus chegavam mais perto, ataçavam com mais força:
— Caju Azedo!

Apelidar pessoas, em especial as mais velhas e os mais humildes, a fim de tirar-lhes a paciência com um conteúdo provocativo, não constitui uma ação realizada apenas pelo narrador da crônica, mas faz parte da memória coletiva de diversos grupos sociais. Para Le Goff (1996, p. 476), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]”. Ainda sobre os apelidos, constatamos também uma progressão textual “caju”, “caju azedo”, “caju azedo cadê a castanha?”, o que leva a uma progressão da irritação do personagem apelidado, bem como uma progressão do enredo.

Quanto à linguagem, há marcas de informalidade presente, por exemplo, em gírias como “tribufus” e há espaço também para o discurso direto que reproduz marcas da oralidade. Além disso, a presença do personagem auxilia na construção das cenas descritas pelo narrador, conforme os trechos: “– Caju Azedo, cadê a castanha?” e “–Tá lá dentro, enfiado na...”. A esse respeito, afirma o teórico Candido (1992, p. 13):

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela [a crônica] se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural.

Analisando ainda a linguagem, percebemos que, além da utilização das gírias, há vocábulos regionais que contribuem para a construção do enredo, tais como “tribufus”, “estrebuchar”, “danou-se, colega” e “abufelado”. Todos esses elementos levam-nos a perceber que Nei Leandro não apresenta o mesmo ar poético das crônicas anteriores, apesar de manter o tom saudosista. Outro detalhe diz respeito às descrições geográficas da cidade que ficam em segundo plano, sendo citados apenas nomes de algumas ruas em que os apelidos eram praticados, a exemplo de “rua da Estrela”, “um sítio na Felipe Camarão, quase esquina com a Apodi”.

Essa descrição espacial processa-se de modo diferente em **C4** (ANEXO D), uma vez que, nesse texto, o narrador localiza geograficamente os acontecimentos, cita nomes de ruas e de avenidas, o que permite ao leitor ir acompanhando as lembranças da infância do narrador, isto é, fazer uma “viagem no tempo”. Há, de forma mais nítida e objetiva, a visualização dos limites da cidade de Natal, e alguns elementos destacam a descrição predominante no texto, conforme vemos no primeiro parágrafo da crônica.

Os limites da cidade iam até a Avenida 15 (Bernardo Vieira), onde havia um posto fiscal, chamado Corrente, que fiscalizava saídas, entradas e bandeiras [...] os outros limites, a leste e oeste, tinham mais esplendor: o rio Potengi e o mar de águas mornas.

O mar, a Avenida 15 (atual avenida Bernardo Vieira), a rua da Estrela e alguns costumes da época aparecem como suporte para mostrar uma visão autobiográfica do autor em relação à cidade de Natal. Tal interpretação pode ser comprovada pela articulação existente entre o título, *Uma viagem no tempo*, e o conteúdo, mostrando, assim, as memórias do cronista ao falar da cidade de sua infância – ação discursiva que dá ao texto um caráter subjetivo. Esse procedimento ilustra o princípio desencadeador da crônica: a observação do real – os limites da cidade, as marés, os botos, os meninos pescando e as matinês do cinema.

Com isso, ele não só registra uma cena como também sintetiza toda a significação desta na representação do comportamento humano.

A linguagem coloquial está disposta de forma a distanciar o leitor da cena representada. Até mesmo o próprio autor se distancia ao narrar em terceira pessoa e mostrar-se apenas no final do texto com uma reflexão sobre a importância que a cidade teve na construção de sua identidade: “[...] Ah, Natal da minha infância, gaveta de sonhos, território das minhas grandes amizades.” A imagem que se tem da cidade é bem mais detalhada e diversa, ressaltando-se suas belezas naturais, o seu desenvolvimento e, ainda, sua alegria.

As crônicas de Nei Leandro apresentam uma releitura do passado por intermédio da memória individual e, nesse caso, representam também a memória coletiva. A rua da Estrela e os apelidos da infância, além de serem recorrentes nos dois textos, também fizeram parte das experiências vividas por outras pessoas, conforme afirma Neves (1992, p. 78): “Ao reinventar o cotidiano essas narrativas podem ser consideradas como *lugares de memória*”.

Sendo assim, apesar de os temas das crônicas serem relacionados com o cotidiano, todos os textos apresentam estilo saudosista, uma vez que retratam uma realidade já vivenciada. Além desse aspecto, percebemos um distanciamento entre o autor e a cena descrita, evidenciado pela utilização dos verbos no pretérito.

Por fim, podemos afirmar que **C1** e **C2**, escritas entre 1930 e 1936, e **C3** e **C4**, escritas entre 2004 e 2006, apresentam o olhar subjetivo dos autores sobre o mesmo objeto, em uma variação temporal de 70 anos. Observamos, no entanto, a existência de algumas diferenças na forma de descrever a cidade de Natal, ao mesmo tempo que percebemos que a identidade dos cronistas com a cidade é de total comunhão, talvez por apresentarem fatos de realidades das quais fizeram parte. Ressaltamos aqui que “não se trata de limitar [a escrita] servilmente a realidade, mas de fabricar novas realidades” (ATAIDE, 1974, p. 10).

Algumas conclusões

As crônicas publicadas em jornais, muitas vezes, carregam em si fortes elementos da história que constituem a memória coletiva de um determinado tempo. Isso permite a inclusão da perspectiva do autor sobre o espaço que apresenta, mostrando aos seus leitores uma relação de história e ficção. Nesse sentido, explicita Brait (2006, p. 60):

Um determinado tema, por exemplo, vai ganhar corpo e estilo em diferentes gêneros e atividades de linguagem, dependendo necessariamente da esfera de produção, circulação e recepção que o acolhe, dimensiona, transforma e o constrói como sentido e efeito de sentido. Ao apropriar-se de um tema um autor vai trabalhá-lo de acordo com a sua atividade, com a esfera de produção em que está inserido, dialogando com outros autores, atividades e discursos, da mesma época ou de tempos e espaços diferentes.

A partir da análise das crônicas de Danilo e de Nei Leandro, foi possível observar que “a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou reestabelecer a dimensão das coisas e das pessoas” (CANDIDO, 1992, p. 14). Não podemos deixar de destacar que a temática central das crônicas em análise (memória da cidade e tradição de seus habitantes) abrange fatos cotidianos. Assim, a avenida, os festejos juninos, os apelidos da infância e a rua da estrela ganham espaço na crônica, por ser esta um gênero moderno e, como tal, abre espaço para elementos como esses, que antes “não seriam explorados no contexto da obra literária, como por exemplo, o cotidiano de pessoas comuns, as coisas simples e os fatos corriqueiros” (DANTAS, 2003, p. 119). Vale salientar, também, que os quatro exemplares do *corpus* analisados nesta pesquisa trazem o tom nostálgico e saudosista do narrador na composição do

texto, bem como estão voltados para o ambiente urbano, tanto na perspectiva do desenvolvimento da cidade quanto na dos limites territoriais.

Sendo assim, podemos retomar Bakhtin (2003, p. 290) quando ele afirma que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”. Percebemos, nas crônicas desta pesquisa, essa relativa estabilidade, uma vez que são resguardadas algumas características que nos permitem identificar semelhanças entre os textos e enquadrá-los em um mesmo gênero – a crônica.

Referências

- ATAIDE, Vicente de. *A narrativa de ficção*. 3. ed. São Paulo: McGraw, 1974.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRAIT, Beth. Estilo, dialogismo e autoria: identidade e alteridade. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA; Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Org.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 54-66.
- CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- DANTAS, Maria da C. S. *Registros da modernização no Rio Grande do Norte na década de 20*. 2003. 151f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2003.
- FERNANDES, Anchieta. *História da Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte*. Natal: Depto. Estadual de Imprensa. 2006.
- GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Angos, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.
- MELO, Manoel Rodrigues. *Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte: 1909-1987*. Natal: Fundação José Augusto, 1987. (Documentos Potiguares, 3).
- MOISÉS, Massaud. *Dicionários de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita no tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CÂNDIDO, Antônio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

Quem não te quer bem, avenida, quando estás assim com ares de garota, a sorrir para tudo quando a tarde de todos já se despede? As tuas manhãs serenas têm um encanto que faz bem a cidade. As tuas tardes, minha avenida sapeca, têm o ouro que seduz o espírito da mocidade para que Ella sinta a volúpia de ser feliz.

Horas quentes de um mau começado inverno. Um pouco de nuvens deusas sombreando o espaço, e cá pelos passeios da avenida um grupo que passa e observa, alguém que surge, advinha e espera. Um sorvete, entre uma duvida e um compromisso. Dois minutos no meio-fio esperando os bondes ...

Avenida garota, quem não gosta de ti quando as normalistas descem da última aula e as alunas do comércio trazem da escola a derradeira sensação do estudo?

Quem não gosta?

DANILO. Avenida. *A Republica*, 30 mar. 1930, p. 6.

ANEXO B – O São João que se foi

Esta noite de São João veio trazer-me uma profunda saudade das outras noites de São João que o tempo levou com a promessa de novas ilusões...

De quando a vida para nós dois se resumia no pensamento insaciado de sermos sempre felizes. Você, com o seu sorriso franco, a dizer-me coisas que iam certas ao coração. Eu, como um escravo do seu sorriso, a crer que a vida humana só tivesse a loucura do amor para poder ser vivida em plena alegria.

Como nós éramos apenas dois ingênuos sonhadores...

Agora a noite das antigas fogueiras traz a mim a sua imagem, o seu sorriso, a sua voz. Vejo e escuto com a memória aquela rua iluminada e o fervor das crianças em torno das labaredas da porção de lenha tradicional. Vejo as lanternas entre as janelas das habitações, verdes, amarelas, brancas, vermelhas, azuis, estreladas, em torres, em fachadas, em várias formas. E as velas ainda longe de se apagarem. E os balões correndo no espaço e os garotos apontando os balões e correndo na rua para soltá-los.

E os traques estrugindo, as estrelinhas faiscando, o compadrio se fazendo por ordem de São João...

E parece que estou vendo você, olhando todo o quadro simbólico a quebrar o sossego da rua, repetindo-me palavras que o coração não deixa nunca de sentir, na saudade de tudo quanto foi bom e passou...

Noites de São João da minha lembrança, quando você tinha um fulgor de alegria nos olhos escuros, quando tudo era a história melhor da minha vida. E a história melhor da minha vida é a história do nosso amor que não morreu.

Noite de São João, dai-me um pouco da tua poesia, um pouco das tuas luas, das tuas alucinações, dos teus mistérios e faz-me adivinhar de novo o que sonhei no passado, porque tudo escureceu para o futuro ...

DANILO. O São João que se foi. *A Republica*, 24 jun. 1936, p. 8.

ANEXO C – Os apelidos da infância

O homem cruzava a rua da Estrela curvado sob o peso do seu apelido. Os meninos, uns diabos de rosto encardido, colocavam-se em pontos estratégicos e gritavam:

— Caju!

O alvo da maldade fazia ouvidos moucos, queria ir embora em paz, evitar uma crise de cólera, o que ocorria todas as vezes que atravessava o círculo daquele inferno. Os tribufus chegavam mais perto, atiçavam com mais força:

— Caju Azedo!

O homem olhava para os lados, empunhava o porrete, mas, depois de aspirar todo o ar dos pulmões, respirar com força, seguia em frente. Não ia se misturar com aquela laia, com aqueles vagabundos. A provocação escalava mais um degrau:

— Caju Azedo, cadê a castanha?

O velho Caju Azedo atirava o porrete no mais próximo (dificilmente acertava) e respondia com uma voz poderosa, de trovão, que ninguém poderia suspeitar que existisse na caixa dos seus peitos:

— Tá lá dentro, enfiado na...

E soltava palavrões cabeludíssimos. A genitália das mães, coitadas, é que pagava o caju, as castanhas, o cajueiro.

Outra vítima dos diabos da rua da Estrela era bem vestido, de óculos, dono de um sítio nos ermos do Alecrim. Caminhava com elegância, olhando sempre em frente sem cumprimentar ninguém. De repente, como se tivesse recebido uma forte descarga elétrica, o homem começava a estrebuchar o corpo em descompasso, pernas e braços sem controle. Quando isso ocorria, ele ficava dizendo para si mesmo:

— Danou-se, colega! Danou-se, colega!

Nesse exato momento, os capetas da rua da Estrela e arredores gritavam em coro:

— Doutor Choque! Doutor Choque!

Doutor Choque ainda ensaiava correr atrás daquele bando maldito, segurar um pelo pescoço e matá-lo com uma descarga de mil volts, mas as pernas não ajudavam em nada.

E Garapa? Esse era o mais abufelado de todos. Era preciso guardar uma boa distância para fazer a provocação. De um lado, a turma gritava:

— Água!

De outro, os aprendizes de Belzebu diziam:

— Açúcar!

Garapa parava, cheio de fúria, e desafiava:

— Mistura, filho de uma quenga com guarda-noturno!

Guriatã tomava conta de um sítio na Felipe Camarão, quase esquina com a Apodi. Ninguém gritava seu apelido, todos tinham medo dele. O velho vivia fechado no sítio, na solidão entre coqueiros, mangueiras e cajueiros. Uns diziam que Guriatã vendia fígados de meninos à viúva Machado. Outros afirmavam que era ele quem gostava de fígado de criança. O galego Assis jurava ter visto, numa noite de lua, sexta-feira 13, o misterioso Guriatã subir num coqueiro e voar como um morcego. Itamar confirmava, acrescentando:

— No mês de agosto, ele voa sete vezes. Qualquer dia desses, eu derrubo aquele sacana com uma pedrada.

CASTRO, Nei Leandro de. Os apelidos da infância. *Tribuna do Norte*, 24 out. 2004.

Os limites da cidade iam até a Avenida 15 (Bernardo Vieira), onde havia um posto fiscal, chamado Corrente, que fiscalizava saídas, entradas e bandeiras. A pista de asfalto, construída pelos americanos durante a Segunda Guerra Mundial, serpenteava entre dunas, silêncios e verdes até Parnamirim. Os outros limites, a leste e oeste, tinham mais esplendor: o rio Potengi e o mar de águas mornas.

Nas marés altas, os botos vinham brincar nas águas do Potengi. Nas marés cheias de medo, diziam alguns, os cações faziam expedições, furiosos, famintos, cortando as águas com a lâmina de suas barbatanas. Os meninos pescavam morés, pulavam da Pedra da Chapuleta ou desafiavam os cações, fazendo torneios de cangapés no meio do rio.

O mar era um latifúndio azul-turquesa ao alcance de todos. Perto da Fortaleza dos Reis Magos, estrela dos lusíadas, pétrea sentinela, havia o Poço do Dentão, com suas grutas, seus mistérios, sua inexplicável profundidade à beira-mar. Itamar, que depois seria personagem de romance, jurava de pé junto: numa das grutas do poço, havia um tesouro escondido pelo pirata Riffault. Todos os dias, os meninos pobres mergulhavam à procura da arca cheia de ouro e pedras preciosas. Viviam desse sonho.

Perto da Rua da Estrela, morava uma viúva sem filhos, jovem e bonita. Não saía de casa, não cumprimentava ninguém, não devolvia a bola que caía nos seus domínios. Numa tarde, os meninos olhavam pelas brechas do portão, em busca de mais uma bola perdida, quando surgiu um daqueles alumbramentos de que fala Manuel Bandeira. A viúva brincava com seu cachorrinho, dançando e levantando a saia para o animal, que corria à sua volta. As coxas eram roliças e a calcinha, ai!, era de cor clara. Naquele dia, houve jogos olímpicos em homenagem a Onan.

Nas matinês do cinema Rex, nossos sonhos cavalgavam na garupa do cavalo do Zorro. Ajudávamos o herói a esmurrar o vilão e também queríamos beijar a mocinha, mas isso o amigo de máscara negra não permitia. Tão difícil quanto beijar a namorada do herói dos seriados era beijar a namorada de verdade. O namoro tinha suas regras rígidas: com duas semanas, ela permitia pegar na mão; com três semanas, um beijo no rosto; com um mês, um beijinho na boca, mas nada de prospecções de língua. A mocinha que permitisse mais do que o estabelecido corria o risco de ficar falada.

Bons tempos, mesmo com essas restrições. As ruas descalças, o rio, o mar, os vastos espaços nos levavam a descobertas, aventuras, saudáveis estripulias. Desde cedo, os meninos aprendiam a desafiar perigos. Havia mendigos valentões, que odiavam os seus apelidos e poderiam ferir gravemente um daqueles pirralhos com uma pedrada certa ou um murro no pé do ouvido. Mas nenhum mendigo podia passar perto da turma, sem ouvir o seu apelido gritado em coro. "Caju Azedo! Cadê a castanha?", ele dizia que as nossas mães, coitadas, guardavam a castanha num lugar muito reservado lá delas... Ah, Natal da minha infância, gaveta de sonhos, território das minhas grandes amizades.

CASTRO, Nei Leandro de. Uma viagem no tempo. *Tribuna do Norte*, 6 jan. 2006, p. 2.